

PRÉMIO NOBEL DE LITERATURA

JON FOSSE

é a ales



cavalo de ferro

Vejo a Signe, deitada no divã da sala, a olhar para as coisas de sempre, a velha mesa, o fogão, a caixa da lenha, os painéis de madeira que revestem as paredes, a grande janela para o fiorde, ela olha sem ver e tudo está como sempre esteve, nada mudou, e todavia tudo mudou, pensa ela, porque desde que ele desapareceu já nada é igual, está aqui, sem estar aqui, os dias vêm e os dias vão, as noites vêm e as noites vão, e ela segue também, no seu lento movimento, sem deixar que nada faça uma marca ou um corte, e que dia é hoje? pensa ela, sim, é quinta-feira, e o mês é Março do ano 2002, sim, isso ela sabe, mas que data é e assim, não, não sabe, e porque é que havia de saber? que é que isso importa? pensa ela, seja como for ainda consegue sentir-se segura e confiante, tal como se sentia antes de ele ter desaparecido, mas depois aquilo volta a tomar conta dela, o desaparecimento dele, naquela terça-feira, no fim de Novembro, em 1979, e logo regressa o vazio, pensa ela, e olha para a porta do vestíbulo e esta abre-se e ela vê-se a si própria a entrar e a fechar a porta outra vez e vê-se a caminhar pela sala, a parar e a ficar de pé a olhar para a janela e vê-se a olhar para onde ele está, em frente da janela, e ela vê, dali do meio da sala, que ele está de pé a olhar lá para fora para a escuridão, com o seu longo cabelo preto, com a sua camisola preta, a camisola que ela tricou e que

ele traz quase sempre quando está frio, está ali, pensa ela, é quase como se ele e a escuridão lá fora fossem um, sim, confunde-se tanto com a escuridão que, quando abriu a porta e entrou, nem reparou que ele lá estava, apesar de que, mesmo sem pensar, sem o dizer a si própria, de certo modo já sabia que ele devia estar ali assim, pensa ela, e a camisola preta e a escuridão lá fora é como se fossem um, ele é a escuridão e a escuridão é ele, mas é como, pensa ela, é quase como se ela, quando entrou e o viu ali, tivesse uma surpresa, e é muito estranho, porque ele está sempre assim ali à janela, só que ela não o costuma ver, pensa ela, ou então vê-o mas parece que não repara, porque também isso, o ele estar ali, passou a ser um hábito, como quase tudo, passou a ser uma coisa que está ali, junto dela, mas agora, quando entrou na sala, viu que ele estava lá, viu o cabelo preto dele e viu a camisola preta, e agora ele está ali a olhar lá para fora para a escuridão, e porquê? pensa ela, porque é que está ali assim? ainda se houvesse alguma coisa para ver lá fora, podia compreender, mas não há nada para ver, só escuridão, a escuridão pesada e quase total, ou então, talvez, pode ser que venha um carro e pode ser que a luz dos faróis do carro ilumine um troço da estrada, mas não aparecem assim tantos carros por aqui, e disso é que ela gostava, queria viver num sítio onde não vivesse mais ninguém, onde ela e ele, onde Signe e Asle estivessem o mais sós possível, um sítio abandonado por todos, um sítio onde a Primavera fosse Primavera, o Outono fosse Outono, o Inverno Inverno e o Verão Verão, era num sítio assim que queria viver, pensa ela, mas agora, quando não há senão escuridão, porque é que ele

há-de estar ali a olhar lá para fora para a escuridão? porquê? porque é que está tantas vezes assim, quando não há nada para ver? pensa ela, e ainda se agora viesse a Primavera, pensa ela, ainda se chegasse a Primavera, com a luz, com os dias mais quentes, com as flores nos prados, com as árvores a encherem-se de rebentos e de folhas, porque esta escuridão, esta permanente escuridão não se aguenta, pensa ela, e em breve vai ter de lhe dizer qualquer coisa, pensa ela, e é como se alguma coisa deixasse de estar como sempre esteve, pensa ela, e olha à volta da sala e tudo está como sempre esteve, nada mudou, e porque é que ela pensa isto, que alguma coisa mudou? pensa ela, porque é que alguma coisa havia de ter mudado? porque é que ela pensa isto? que alguma coisa devia ter mudado? pensa ela, porque ele, sim, está ali à janela, quase sem se distinguir da escuridão lá de fora, mas ultimamente o que é que se passa com ele? aconteceu alguma coisa? mudou? porque é que anda tão calado, mas isso, calado, sempre ele foi, pensa ela, que mais se pode dizer dele, calado sempre ele foi, portanto não é de estranhar, ele é assim, é assim que ele é, é assim, pronto, pensa ela, mas se agora ao menos se voltasse para ela, se ao menos lhe dissesse qualquer coisa, pensa ela, uma coisa qualquer, o que fosse, mas ele fica imóvel, como se nem tivesse reparado que ela tinha entrado

Ah, estás aí, diz Signe

e ele vira-se e ela vê que também há escuridão nos olhos dele

Sim, claro que estou, diz Asle

Não há muito que ver lá fora, diz Signe

Não, nada, diz Asle
e sorri para ela
Há só escuridão, diz Signe
Sim, só escuridão, diz Asle
Mas então estás a ver o quê, diz Signe
Não sei o que é que estou a ver, diz Asle
Mas estás aí à janela, diz Signe
Pois estou, diz Asle
Mas não estás a olhar para nada, diz Signe
Não, diz Asle
Mas então porque é que estás aí, diz Signe
Quer dizer, diz ela
Estás a pensar em alguma coisa, diz ela
Não estou a pensar em nada, diz Asle
Mas o que é que estás a ver, diz Signe
Não estou a ver nada, diz Asle
Não sabes, diz Signe
Não, diz Asle
Estás só aí assim, diz Signe
É, estou, diz Asle
Pois estás, diz Signe
Tu não gostas que eu esteja aqui assim, diz Asle
Não é isso, diz Signe
Mas porque é que perguntas, diz Asle
Perguntei por perguntar, diz Signe
Pois, diz Asle
Não era por nada, só perguntei, diz Signe
Pois, diz Asle
É, estou só aqui, diz ele

Acho que quando uma pessoa fala nem sempre quer dizer alguma coisa, diz ele

Acho que quase nunca, diz ele

Uma pessoa diz apenas qualquer coisa, seja o que for, é isso mesmo, diz Signe

É isso mesmo, diz Asle

Uma pessoa tem de dizer alguma coisa, diz Signe

Tem, diz Asle

Pois tem, diz ele

e ela vê-o ali e parece que ele não sabe bem o que há-de fazer consigo mesmo e depois levanta uma mão e volta a descê-la e depois levanta a outra mão, mantém-na a meia altura, à sua frente, e depois volta a levantar a primeira mão

Em que é que estás a pensar, diz Signe

Em nada, em nada de especial, diz Asle

Em nada, diz Signe

Tenho de ir, diz Asle

Sim, eu, diz ele

e fica parado a olhar para ela

Eu, diz ele

Eu, eu, é, acho que vou, diz ele

Vais, diz Signe

Vou, diz Asle

Vais, diz Signe

Eu, diz Asle

Eu acho que vou dar uma volta no Fiorde, diz ele

Hoje outra vez, diz Signe

Acho que sim, diz Asle

e ele torna a virar-se para a janela e ela vê-o outra vez ali quase sem se distinguir da escuridão lá de fora e vê outra vez o cabelo preto dele em frente da janela e vê que a camisa e a escuridão lá de fora são um

Hoje outra vez, diz Signe

e ele não responde e vai hoje outra vez para o Fiorde, pensa ela, mas está muito vento e não tarda que comece a chover, mas que se importa ele com isso, com o tempo, ele vai sair no seu barquinho, no barco a remos, de madeira, pensa ela, e qual será o prazer de ir assim para o Fiorde num barco tão pequeno? e deve estar um frio de rachar, e o Fiorde está lá sempre, com o seu mar, as suas ondas, talvez seja bom no Verão, ir para o Fiorde, quando o Fiorde é azul brilhante, quando cintila azul, então talvez seja aliciante, quando o sol brilha no Fiorde e ele está calmo e tudo é azul, azul, mas agora, na escuridão do Outono, quando o Fiorde é cinzento e preto e sem cor, e está frio, e as ondas são grandes e traiçoeiras, para não falar do Inverno, quando os bancos do barco estão cheios de gelo e de neve, e quando se tem de dar pontapés nas cordas para as soltar, para quebrar o gelo, se se quer desamarrear o barco, e quando há placas de gelo e neve no Fiorde, porquê então? o que é que o Fiorde tem de tão aliciante? não, não compreende, pensa ela, falando com toda a franqueza, pensa ela, é incompreensível, e ainda se fosse só uma vez por outra que ele fosse para o Fiorde, para pescar talvez, para lançar a rede ou assim, mas não, ele vai todos os dias para o Fiorde, e até duas vezes por dia, na escuridão, à chuva, quando há ondas, e em todas as épocas do ano, será que não quer estar com ela? será por isso que ele quer ir

sempre para o Fiorde? pensa ela, se não é por isso, então porque será? e ele não mudou também nos últimos tempos? é tão raro estar contente, quase nunca está, e é tão tímido, nunca quer ver ninguém, afasta-se, não vá vir alguém, e se acontece ter de falar com alguém, fica ali de pé sem saber o que fazer às mãos, e sem saber o que dizer, fica ali de pé e tão atrapalhado que todos reparam, pensa ela, e o que é que se passa com ele? pensa ela, sempre foi um pouco assim, um pouco reservado, é como se achasse sempre que é um estorvo para os outros, que, só por estar presente, os incomoda, que é um empecilho, um obstáculo para o que quer que seja que eles queiram fazer e de que ele não percebe nada, e está a ficar cada vez pior, antes ainda conseguia estar onde os outros estavam, mas agora já não, agora, mal chega alguém, excepto ela, afasta-se logo e isola-se

Vais sair, vais para o Fiorde, é no que estás a pensar, diz Signe

Eu não estou a pensar em nada, diz Asle

Não estás a pensar em nada, diz Signe

Não, diz Asle

Não estou a pensar em nada, diz ele

É, estou só aqui, diz ele

Estás aí, diz Signe

É, diz Asle

Que dia é hoje, diz Signe

Terça-feira, diz Asle

É uma terça-feira no final de Novembro, e estamos em 1979, diz ele

Os anos passam tão depressa, diz Signe

Signe está deitada no divã e vê-se a si própria, quando jovem, de pé, à janela, esperando com inquietação que Asle, seu marido, volte para casa. Passados mais de vinte anos, recorda-se desse dia em que, apesar da escuridão, do vento e da chuva, Asle insistiu em ir dar o seu habitual passeio de barco no fiorde e nunca mais regressou. A essa memória vão-se juntando outras, sob a forma de sonhos e sombras, que recuam até cinco gerações da mesma família, entre as quais a de uma jovem mulher, de nome Ales, com um menino ao colo, junto a uma pequena fogueira.

Uma das obras mais icónicas do Prémio Nobel de Literatura Jon Fosse, *É a Ales* é um texto breve, dramático e encantatório, no qual diferentes vozes e tempos coexistem no mesmo espaço, numa meditação sublime sobre o amor, o luto e o destino.

«Uma experiência de leitura intensa.»

The Independent

«O que é especial em Jon Fosse é a proximidade na sua escrita, que toca nos nossos sentimentos mais profundos.»

Comité do Prémio Nobel de Literatura



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 [cavalodeferro](#)

  [penguinlivros](#)

ISBN 9789897877605



9 789897 877605 >